

POLACAS: MEMÓRIAS EM DISPUTA!

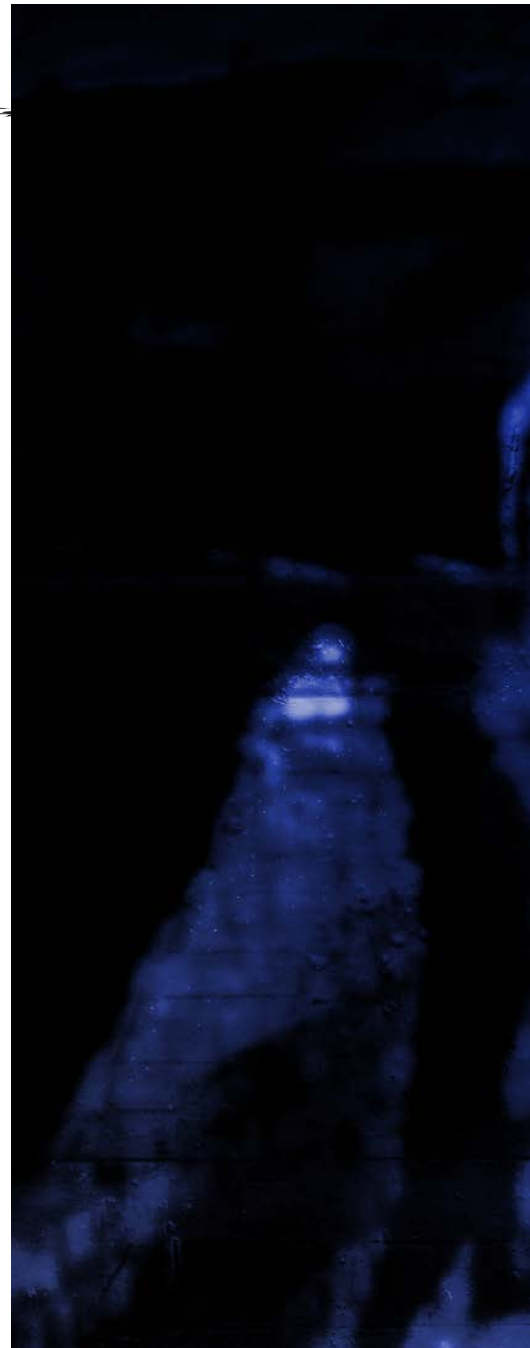
Uma cortina de silêncio cobriu a história da prostituição judaica ao longo do século XX. Sou de uma geração que, na formação, nunca ouviu falar que parte da história judaica estivesse vinculada à prostituição. Foi em 1996 que tomei conhecimento deste assunto, através de um artigo no jornal *Folha de S. Paulo*, "Memórias deterioradas", sobre um cemitério israelita abandonado na cidade de Cubatão, na Baixada Santista, onde estavam enterrados exclusivamente imigrantes judeus vinculados à prostituição. Li também que aquele cemitério se integrava à história de redes associativas criadas por este grupo de imigrantes, a fim de garantir locais de práticas religiosas e sociais, via associações beneficentes juridicamente constituídas, já que não eram aceitos nas sinagogas e cemitérios da comunidade judaica "oficial".

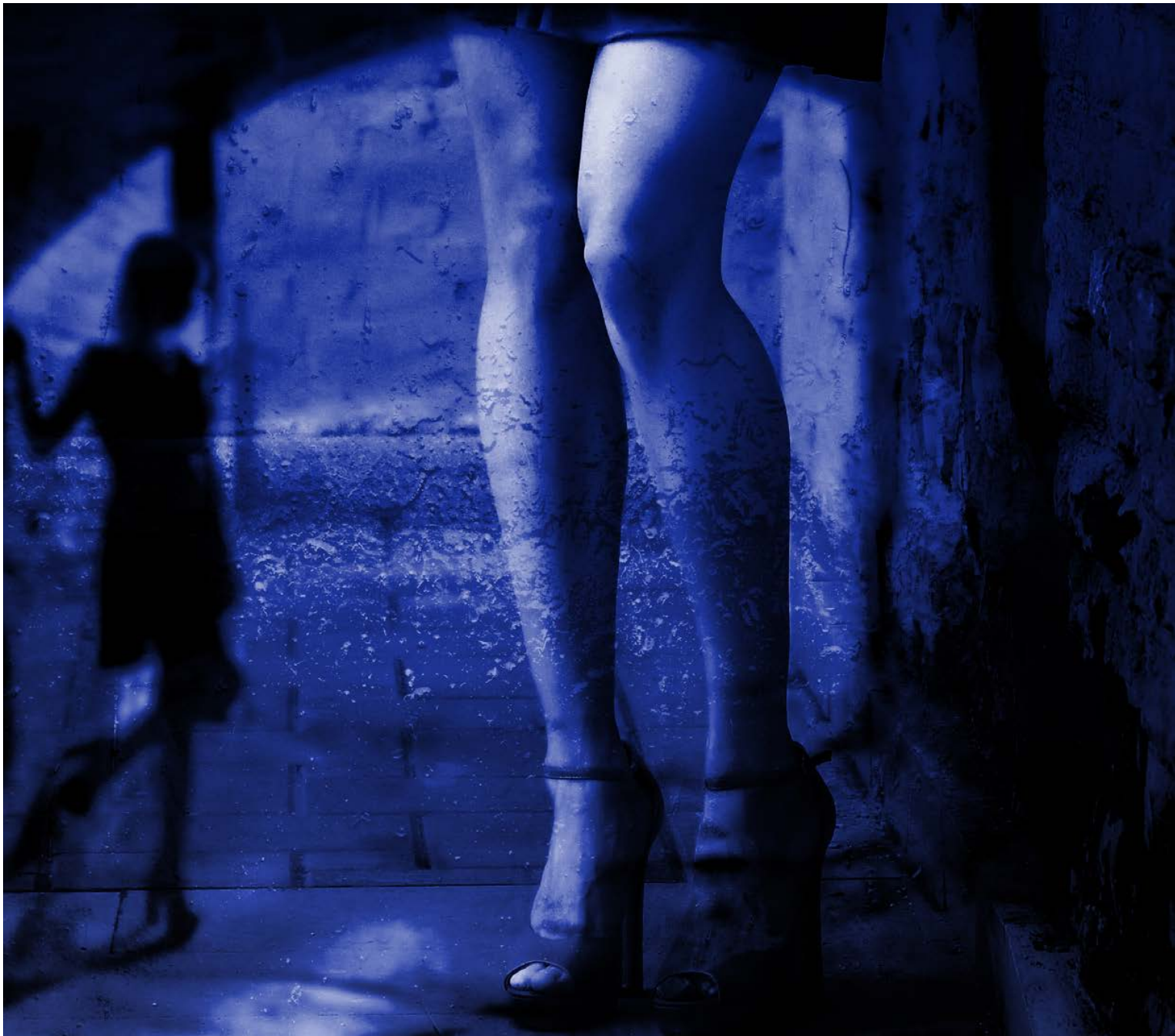
Toda esta rede de práticas associativas se replicou por grande parte das cidades onde os imigrantes ligados à prostituição se fixaram. Esta potente vida associativa foi revelada de forma

profunda no livro *Baile de Máscaras: mulheres judias e prostituição*, da historiadora Beatriz Kushnir (1996). Porém, outras pesquisas, nos anos de 1990, já apontavam para a presença deste grupo de imigrantes tanto no universo da prostituição (*Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo - 1890/1930*, da historiadora Margareth Rago/1991), como na história da imigração judaica para o Brasil, com *O Brasil e a Questão Judaica*, do brasileiro Jeffrey Lesser (1995).

CAMINHANDO PELA VIDA, RECUPERANDO NARRATIVAS

Identificados popularmente como "polacas" e "cafetões" ou "rufiões israelitas", estes imigrantes de origem judaica, ao longo das primeiras décadas do século XX, surgiam em destaque na imprensa, nas campanhas policiais e em livros-reportagens que causavam sensação, como *O Caminho de Buenos Aires*, de Albert Londres, ou *Zwi Migdal - Exploradores de Mulheres*, de Mario Mariani.





Ainda na ficção, prostitutas estrangeiras, francesas, polonesas e cafetões faziam parte da representação imaginária dos submundos das grandes cidades brasileiras nas primeiras décadas do século XX. Exploradores de mulheres associados ao tráfico de escravas brancas dividiam espaço na imprensa e nos romances junto com as trágicas histórias de jovens mulheres que vinham “fazer a América”, enganadas por falsas promessas de casamento. Na maior parte

destas narrativas, as mulheres, vítimas de um destino desconhecido, tornavam-se prostitutas e, quando envelheciam, muitas assumiam a gerência das “casas de tolerância”.

Não demorou muito para a produção literária nacional também fixar seus personagens tramados no triste caminho do desterro de jovens enganadas. O escritor modernista Oswald de Andrade, no início dos anos 20, escreveu a história de uma mulher “decaída”,

em *Os Condenados*. Vítima dos sabichões locais, a pobre personagem Alma, jovem ingênua, acabou caindo nos encantos de um homem galanteador.

(...) nos braços de Mauro, Alma descobre-se mulher. João, o telegrafista, louco de paixão pela jovem, fica sabendo que ela tem outro amor. Mauro exige que Alma fuja da casa do avô. Decidiram nervosamente: deixava tudo para trás. O abandono faz o velho pensar: onde estaria ela? Parecia



grupos vulneráveis\

que tinha morrido gente em casa. Lobão vinha dizer ao telegrafista, brutal e guloso de desastres, sem contemplação, sem piedade: Alma tinha sido deflorada num 'rendez-vous'." (Oswald de Andrade, Os Condenados).

Assim aconteceu em inúmeros outros romances, nos quais a questão da honra, do defloramento, definia o futuro destas mulheres que seriam todas levadas ao mesmo destino: o

submundo, a prostituição e a exploração de cafetões e cafetinas.

Já o romance *Madame Pommery*, de Hilário Tácito (1919), pseudônimo de José Maria de Toledo Malta, destoava bastante deste caminho. Como protagonista, Madame Pommery é a fusão bem humorada de uma prostituta estrangeira inventada em território nacional. Oriunda do cruzamento "da Espanha cavalheiresca com a



Polônia das baladas”, Madame Pommery era o resultado bem-acabado de um pai polaco israelita, de profissão lambe-feras (domador), com uma mãe espanhola, noviça arrependida de um convento em Córdoba. Nem muito jovem e nem um pouco iludida por promessas de casamento, a protagonista do romance zarpa do porto de Marselha, na França, no navio *Bonne Chance*, tendo como destino final Buenos Aires. Porém, a arguta filha de lambe-feras com noviça arrependida, ao fazer uma breve parada em Santos, toma conhecimento de um produto nacional, o “coronel” e, de pronto, resolve mudar seus planos e tentar a vida na cidade de São Paulo. Madame Pommery sobe a Serra do Mar num ritual paródico bem próximo ao descobrimento do Brasil, a fim de civilizar os “botocudos locais”.

O *Menir de Pommery* (1994), baseado no romance *Madame Pommery*, foi minha dissertação de mestrado em Antropologia. Talvez pelo forte protagonismo paródico pautado no crescimento da cidade do café que dá ritmo ao romance, a imagem da jovem “escrava branca”, vítima de promessas de casamento nas pobres aldeias onde moravam no Leste Europeu, os *shtetls*, deixava a astuta personagem do livro bem distante da maioria das representações produzidas ao longo do século XX sobre as “mulheres decaídas”, vítimas de um destino incerto. A minha Madame Pommery era uma inversão muito bem sucedida da prostituta estrangeira; empreendedora e senhora do seu destino na incipiente “geografia do prazer” da cidade de São Paulo.

EM MEIO A CRUZES E ESTRELAS...

Em 1998, fui conhecer o cemitério israelita de Cubatão. Passei o dia entre lápides e vistas da cidade. Um monte de chaminés, uma fumaça constante que subia e se misturava à neblina da Serra do Mar rodeava o cemitério israelita de Cubatão. No mesmo dia conheci Evania Martins, estudante de História à época, que havia feito sua monografia de finalização do curso sobre o tal cemitério israelita. Como contou, cada aluno deveria escolher um assunto referente à sua cidade e abordar os aspectos históricos. Negando-se a falar do caráter mais conhecido de Cubatão, suas indústrias e a má fama de cidade mais poluída do Brasil, Evania escolheu outra abordagem que também fazia parte da história da cidade: a presença do cemitério israelita. Lugar sempre presente em seus percursos, mas que causava curiosidade aos olhos dos habitantes locais por fechar-se em símbolos emblemáticos e inscrições em hebraico.

Gostei do fato de que sua escolha buscava outro caminho para falar de Cubatão. Ao contrário das tradicionais cruzes, a jovem historiadora deparava-se com estrelas de seis pontas. Ao invés das quatro direções certas dos pontos cardeais, teríamos, ela e eu, que enfrentar agora seis direções diferentes, sendo que umas levavam para a história de Cubatão e outras, à minha própria origem judaica.

No final dos anos 1990, Beatriz Kushnir me procurou pedindo ajuda para dar busca em uma lista de nomes desaparecidos do grupo de imigrantes vinculados à prostituição que foi trasladado de



grupos vulneráveis\

seu cemitério original em Santana/SP, para o cemitério israelita do Butantã nos anos 1970. À época, eu coordenava o inventário dos cemitérios públicos da cidade de São Paulo, no Departamento de Patrimônio Histórico.

O grupo estava no cemitério do Butantã, com lápides sem nomes, há três décadas. A ausência dos nomes causou-me surpresa: como poderiam desaparecer os registros de toda uma população?

Os órgãos públicos sofrem de um fenômeno muito interessante e emblemático, a tal burocracia que gera excesso de documentos e um certo funcionamento moroso que muitas vezes faz tudo demorar quase à eternidade. No caso dos registros deste grupo, acabou surtindo efeito positivo. Uma lista de nomes foi achada nos processos que precedem as leis e entregue à Chevra Kadisha (sociedade mantenedora dos cemitérios judaicos), para que identificasse as lápides anônimas.

No começo do ano 2000, a Chevra Kadisha realizou um ato no cemitério israelita do Butantã para inaugurar estas sepulturas com os nomes encontrados. Havia poucas pessoas: um *chazan*, Beatriz Kushnir, o rabino Henry Sobel e alguns amigos e parentes que acabaram indo àquela cerimônia tão singular. Foi um dos raros momentos em que senti que a estrela de seis pontas fazia todo sentido para mim. Foi como se estivéssemos ali dignificando a história daquelas pessoas que por trinta anos foram roubadas de seu bem mais precioso, sua identidade. Naquele dia, de forma simbólica, reativavam-se os tempos passado, presente e futuro. Era como

se as lápides silenciadas retomassem o direito de narrar suas próprias histórias.

Por muitos anos circulei pelos cemitérios das polacas. Fui conhecer o de Inhaúma no Rio de Janeiro e depois, num feriado de Natal, viajei para Buenos Aires. Lá, fui conhecer o cemitério das polacas, em Avellaneda. Ao chegarmos lá, um portão enorme de ferro fechava o cemitério da comunidade israelita sefardi. Bati e quem atendeu foi o zelador, um rapaz rastafári. Entramos no cemitério dos sefaradim. Não conseguindo identificar a área das polacas, perguntei ao zelador. Ele apontou para um dos muros do cemitério e disse: “ali, depois do muro”. Era impossível

entrar: não havia nenhuma porta de acesso visível e o mato cobria as lápides, como se a natureza estivesse cumprindo a missão de engolir aquelas memórias de pedra. Novamente repetia-se o que ocorrera no cemitério israelita do Butantã, o recurso de inclusão de um cemitério no outro, como forma bastante eficaz de apagar a memória das polacas nos únicos registros materiais que perpetuavam suas histórias.

Fui compreendendo que os cemitérios deste grupo de imigrantes ligados à prostituição eram os locais onde esta história ainda estava extremamente viva e visível. Assim, retomei um trabalho de pesquisa que buscava encontrar narrativas, relações de



parentesco e vínculos de amizade através das lápides e monumentos do cemitério do Butantã.

CIRCULANDO PELA VIDA E MORTE DAS POLACAS

O primeiro percurso pela morte das polacas aconteceu em 2016, por meio do Congresso Internacional “Imagens da Morte”, realizado no Instituto Goethe/SP e organizado por Renato Cymbalista. Levei uns 20 pesquisadores ao cemitério do Butantã para contar a história das sepulturas das polacas do setor N. Junto com isso, fomos à sepultura de Vladimir Herzog e visitamos o monumento às vítimas do nazismo. À medida que integrávamos as várias memórias difíceis no

nosso percurso, compreendi que todas faziam entre si uma narrativa da memória judaica e mantinham um diálogo muito próximo da maneira como a história das polacas era compreendida. E, também, estrategicamente silenciada. Se em vida foram vítimas do seu destino, na morte, mantinham-se excluídas da comunidade judaica.

Porém, mesmo com esta narrativa dominante, as quatro fileiras do setor N mantinham entre si uma unidade muito mais potente do que o processo de exclusão que este grupo sofreu.

Com a lista dos nomes encontrada nos arquivos da Prefeitura no momento do traslado dos corpos nos anos de 1970, havia também 11 corpos que foram exumados, reconhecidos por familiares e levados para o Butantã. Mas onde estavam essas 11 sepulturas?

A maior parte estava bem abaixo das quatro fileiras anônimas das polacas. Se o setor N foi considerado um lugar de exclusão, ele também foi rearticulado como local de inclusão e pertencimento, já que familiares e amigos escolheram manter seus mortos ali.

Em 2017, através de um projeto do SESC/Santana sobre gênero, “Degeneradas”, o Coletivo PISA: cidade + pesquisa, do qual faço parte, montou o percurso “Entre dois mundos: vida e morte das polacas”. A ideia era fazer um roteiro que visitasse a antiga zona do baixo meretrício do Bom Retiro (1940-1953), o último endereço da Sociedade Religiosa e Beneficente Israelita deste grupo, no bairro de Campos Elíseos, além de dois cemitérios da cidade: Consolação, onde há

duas sepulturas de polacas, e o Chora Menino em Santana, seu cemitério primário. Os participantes do circuito colocaram crachás rostos e nomes em ídiche de pessoas deste grupo de imigrantes e, em meio a essa troca de identidades, percorremos os locais em que viveram e morreram, em São Paulo.

O roteiro acabou gerando o percurso pela “Antiga zona do baixo meretrício do Bom Retiro (1940-1953): confinamento e prostituição”, que vem sendo feito cada vez com maior frequência ao longo dos anos com estudantes universitários, pesquisadores, grupos de famílias de antigos moradores do bairro, amigos e nas jornadas anuais de patrimônio histórico da cidade.

A experiência de integrar a vida e a morte das polacas na história da prostituição da cidade revelou-se um caminho extremamente potente ao ser problematizada através dos novos estudos que congregam gênero, história e cidade. Sob estas as novas perspectivas, deixamos de olhar o tema apenas pelas lentes do observador distante, da sexualidade masculina, do estigma social e do controle de corpos e territórios.

A cada novo grupo de participantes do percurso, outras questões e olhares surgem nas conversas e discussões que se fazem nas duas estreitas ruas: Aimorés e Cesar Lombroso. Com certeza, muitas conversas e questionamentos ainda virão. Vida longa às memórias das Polacas! ♦

Paula E. Janovitch é antropóloga e doutora em História, autora do livro *Preso por Trocadilho: imprensa humorística paulistana* (Alameda Editora)

